

# A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — Affonso Vargas

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 500 réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros..... 500 " Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros..... 1000 " Numero avulso..... 500 "	N.º 66	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

## O REAL GYMNASIO CLUB

Data de longe a minha sympathia por esta benemerita associação, e não é a primeira vez que publicamente lhe trago o testemunho d'ella.

Hoje ainda, desejando fugir a tantos assumptos lugubres que queriam saltar-me dos bicos da penna, não vejo outro melhor refugio que o de vir fallar-lhes de uma sociedade, que tem feito mais em prol do desenvolvimento physico da população lisboeta do que muitas medidas emanadas do municipio e do parlamento.

Aos que duvidarem, lembro apenas uma visita ao edificio do Gymnasio Club, porque elles se convencerão pelo que virem do que eu aqui deixo dito, pois-que a verdade lhes entrará pelos olhos.

Uma parte da mocidade da capital deve sem duvida a robustez de que gosa, e a força que adquiriu, á frequencia d'essa bella escola de agilidade e de saude, e seria talvez curioso formular uma estatistica de quantos casos de escrophulose, de rachitismo e porventura de mil outras doenças organicas ella terá corrigido ou mesmo debellado.

Muitas d'essas doenças implicando tantas vezes lesões importantes para o funcionamento da vida, haveriam quiçá sido adquiridas nos estabelecimentos, que nós pomposamente chamámos de educação e instrução, e que, a começar nos officiaes, na maioria, não instruem nem educam; outras seriam hereditarias e eternisar-se-iam na sociedade, espalhando n'ella o seu germen deleterio; finalmente, algumas procederiam das condições bem conhecidas, por desgraça, da insalubridade de muitos pontos de Lisboa, e todas ellas foram ou combatidas ou eliminadas por um pouco de gymnastica feita sob a direcção e pela propaganda do Gymnasio Club—que não sendo, aliás, uma sociedade medica nem um instituto sabio, mas um simples nucleo de distração e de prazer, se tem transformado n'um centro de ensino e de cultura.

Mercê da tenacidade dos seus fundadores e das suas direcções, o gymnasio Club tem-se ido progressivamente elevando, elevando sempre, e hoje é seguramente no seu genero o primeiro no paiz, e creio que não seria dos ultimos no estrangeiro.

Pois bem, esta sociedade que tão altos serviços tem prestado, ao que uma celebre catechista ingleza

chama a *stirpiculture*, procurando tornar os nossos rapazes mais desembaraçados e mais fortes, e influindo, portanto, no apuramento da nossa raça, isto n'um viveiro relativamente tão vasto como para o caso sujeito é Lisboa, penso que nunca mereceu nem do governo nem da camara um insignificante testemunho de apoio e de consideração, e os poderes publicos, que têm votado premios aos creadores dos melhores cavallos, por exemplo, nunca se lembraram de consignar um simples voto de louvor aos que por qualquer forma tenham contribuido para o aperfeiçoamento do animal homem!

E digo um simples voto de louvor, porque nem sequer me atrevo a fallar em subsidios ou recompensas pecuniaras.

Longe, porém, de mim, irrogar uma censura aos supracitados poderes; mas se se entendeu, e muitissimo bem, que os creadores de gado mereciam um publico testemunho de estimulo e de apreço, não percebo como os que se têm proposto ver se é possível fazer reviver nas gerações derrancadas de hoje, as primitivas e bellas formas apolineas que a estatuaria eternizou outr'ora ao divino influxo da Arte, não hajam merecido, se não superior, ao menos igual galardão.

Como quer, porém, que seja, o Gymnasio Club, apesar de desconhecido nas officiaes regiões, tem proseguido a sua missão civilisadora, e afigura-se-me que ainda viremos a dever-lhe mais que á propria academia das sciencias, com todos os seus sabios mortos e vivos...

Assim, por exemplo, actualmente trata elle — e para o noticiar é que escrevi este artigo— de tornar realidade uma das mais bellas e das mais fecundantes iniciativas com que porventura poderia assinalar a sua existencia.

Todos nós conhecemos esses pequenos vendedores que enxameiam pelas ruas da cidade, e que na labuta da vida procuram ganhar o seu dia; são na maioria rachiticos e enfesados, e nota-se, em quasi todos, a atropia dos musculos, a curvatura da espinha, e indicios de sangue fraco e das doenças d'ahi resultantes.

Ora o Gymnasio Club pensou em nada menos do que, na parte que lhe era possível, remediar este mal, que tão medonhamente alastra n'uma das camadas mais densas da população, e para isso resol-



veu abrir uma aula nocturna e gratuita de gymnastica racional e hygienica, fornecendo até o vestuario adequado aos que a ella concorreram.

Não pôde ser nem mais generosa nem mais civilisadora a idéa, e quero crer que na noite em que o Gymnasio Club realisar a festa que projecta, a fim de adquirir os fundos necessarios para a levar a effeito, ninguem deixará de cumprir o tão sympathico e tão agradável dever de cooperar com a benemerita sociedade na obra humanitaria e até patriótica que se propoz.

Patriótica, sim, meus amigos; pois o que é senão patriotismo, e do melhor, e do mais são, ajudar a formar ou a desenvolver braços robustos e organismos resistentes, que sejam outras tantas forças com que a patria possa contar, e que a sirvam, quer nas horas cruéis de uma desgraça, quer na lucta diaria da existencia?

Bem sei eu que só por si o Gymnasio Club não poderia corrigir vicios originarios ou contrahidos que depauperam e rachitizam centenas e centenas de creaturas, que para ahi vegetam em logares infectos, mal alimentadas, mal vestidas, e absolutamente fóra da acção beneficente das leis hygienicas; mas basta que cada collectividade cumpra na sua esphera actos da importancia e do alcance d'este de que lhes venho fallando, para se conseguir alguma cousa, para se conseguir muito porventura.

Tal é, pelo menos, o que eu julgo, e não me parece que esteja muito longe da verdade, restando-me apenas saudar d'aqui, e desde já, esse glorioso gremio de rapazes, onde a mocidade tão dignamente nos prova que se sabe rir e gosar, tambem é susceptivel de ter nobres inspirações e de praticar bellos actos...

AFONSO VARGAS.

## BIBLIOGRAPHIA

GLOSSARIO PORTUGUEZ DA EDADE MÉDIA E DA RENASCENÇA,  
por Delfim d'Almeida

A transformação que, a partir da *Sciencia nova*, de Vico, e das *Idéas sobre a philosophia da historia da humanidade*, de Herder, se realisou nos estudos historicos, fez sentir a necessidade de rever, e discutir á luz da nova critica os documentos do passado.

Mas, os que eram escriptos, continham palavras e phrases desconhecidas, e outras que não podiam ter, evidentemente, a significação e o valor que na linguagem moderna se lhes dava.

Emprehendeu-se, portanto, a composição de vocabularios especiaes, em que eram estudados, na sua origem, nas suas transformações e nos seus diversos empregos, as palavras e phrases que tinham desaparecido da linguagem corrente, ou que haviam tomado sentidos indiscutivelmente diversos d'aquelles em que nos antigos monumentos eram usados.

Sensíveis, como sempre (embora tardiamente) ao movimento da civilisação da Europa, tivemos tambem quem se desse á tarefa de compor um *Elucidario* das palavras e phrases obsoletas, archaicas. Foi o erudito frade, Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, a quem todos quantos se consagram a trabalhos historicos devem uma reconhecida veneração, e a

quem auctoridades de primeira plana se referem com louvores.

É certo, porém, que, apesar do seu incontestavel merecimento (que ainda hoje lhe vale o apreço de homens eminentes), o *Elucidario* de Viterbo tem lacunas e imperfeições muito sensiveis, — o que, de resto, não surprehende, visto que foi escripto antes de conhecidos e publicados os importantissimos documentos litterarios e juridicos de Portugal, que ultimamente se têm dado á estampa; — e quantos ainda existem ignorados ou ineditos, e em risco de se perderem ou obliterarem completamente!

Alem d'isto, o *Elucidario* é quasi destituído de gravuras (que valem muitas vezes mais do que as mais perfeitas, as mais eloquentes, as mais luminosas descrições), e não se refere exactamente ao periodo culminante da nossa vida historica, ao seculo xvi, á Renascença, em que pelas suas viagens e descobrimentos, Portugal deu uma direcção nova á marcha da humanidade, e fundou a civilisação moderna.

Importava, realmente, que o trabalho do illustre Viterbo fosse revisto e completado, ou que se apprehendesse outro vocabulario, não só do portuguez medieval, mas do portuguez da Renascença, em harmonia com as exigencias e com os recursos da sciencia contemporanea.

O nosso desdem por tudo quanto é nacional (desdem que não é de agora, — manda a verdade que se diga); o predomínio que em muitos espiritos vae tomando o interesse material e immediato; as variadas exigencias de tal empreza, — tudo isso dava, porém, bem poucas esperanças de que ella se realisasse tão cedo.

Um homem houve, no emtanto, que, não obstante a desanimadora indifferença que n'esta epocha de frivolidades e de materialismo cêrca os mais serios e delicados interesses mentaes, e apesar de trabalhos de outra ordem e da sua precaria saude, se entregou com uma tenacidade e um amor, dignos do maior elogio, á composição de um *Glossario Portuguez da Edade Media e da Renascença*.

Foi o sr. Delfim d'Almeida, — um escriptor que tem assignado numerosos trabalhos litterarios e economicos, embora nos ultimos tempos, enclausurado na sua tarefa, laboriosissima e absorvente, poucas vezes tenha sido visto no campo da publicidade, — verdadeiro campo de batalha, com as suas derrotas e com os seus triumphos... e tambem com os seus estratagemas e ciladas.

Do novo trabalho do sr. Delfim d'Almeida, estão já impressas 14 folhas — 112 paginas; mas, levado por uma fina exigencia de perfeição, que é mais uma prova do seu talento, acaba o auctor de dirigir á *segunda classe* da Academia Real das Sciencias (que se encarregou de publicar a obra do seu illustrado socio), uma *representação* que foi impressa e tenho deante de mim, em que pede:

- 1.º Que seja auctorizada a reimpressão das quatorze folhas publicadas, para que possa tornar mais perfeita a distribuição das materias;
- 2.º Que se ordene uma tiragem superior a mil exemplares;
- 3.º Que o texto seja illustrado com o maior numero possivel de gravuras;



4.º Que a publicação se faça em fascículos.  
O sr. Delfim d'Almeida não considera, pois, definitivo o trabalho já impresso, que, todavia, encerra artigos valiosíssimos, e documenta cabalmente o saber e a perseverança do auctor, a finura do seu critério, a lucidez da sua exposição, e o seu empenho de enriquecer as paginas do *Glossario* com uma grande copia de exemplos, tanto mais preciosos quanto são extensos e não miram, em regra, a um intuito exclusivo, e quanto são cuidadosa e intelligentemente escolhidos, transcriptos e citados.

Porque é dos mais frisantes, e porque se refere a uma questão que particularmente me captiva, — uma questão de arte, — especialisarei o artigo sobre o emprego da letra *A*, como nota musical, — artigo que vae tornar-se mais interessante ainda na edição definitiva, porque o sr. Delfim de Almeida, enamorado do problema, segundo me confessou, pôde illucidar o com importantes documentos que não haviam sido aproveitados pelos escriptores precedentes. Deve, portanto, esse artigo constituir uma apreciavel monographia sobre um dos capitulos mais obscuros da historia da musica.

E uma vez que não é definitivo o trabalho já impresso, mal cabida seria qualquer tentativa critica, — se acaso devesse fazer-se deante apenas de alguns artigos, e se porventura não constituísse da minha parte uma audacia indesculpavel.

Escrevendo estas linhas, n'uma revista que, particularmente em artigos do seu director, tem registado e saudado com effusão as mais concludentes e vigorosas manifestações do trabalho e da vitalidade nacional, que no decurso da sua publicação têm occorrido, — pretendo apenas cumprir o dever da minha homenagem a um dos mais valentes e conscienciosos evocadores do nosso passado, que tanto importa conhecer n'um momento como o de agora, em que sobretudo cumpre demonstrar que pela sua constituição ethnica, pelas suas condições geographicas, pelo seu clima, pelo temperamento dos seus habitantes, pela sua lingua, pelas suas tradições, pela sua litteratura e pela sua arte, Portugal é uma entidade perfeitamente distincta das diversas provincias unificadas sob a monarchia hespanhola.

JOSÉ PESSANHA

## A IMPRESSÃO REGIA HOJE IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

(Fragmentos de um livro inedito)

1802-1810

(Continuado)

Não correspondeu o movimento dos trabalhos da fundição dos tipos ao augmento das collecções de caracteres, nem isso admira até certo ponto, porque grande parte dos tipos em uso na officina competente eram originalmente fundidos em França e Inglaterra: todavia a produção media da nossa fundição, em cada um dos annos de 1802 a 1810, não desceu de 1:625 kilogrammas.

Caetano Teixeira Pinto, gravador punccionista, volto ao exercicio de mestre, em que fôra substituido no tempo de Miguel Manescal, por Francisco José Rodrigues Portugal, sendo-lhe arbitrado o vencimento

de 300.000 réis, por aviso regio de 4 de janeiro de 1803<sup>1</sup>, afóra a remuneração que se entendesse conveniente e equitativa pelo ensino dos aprendizes.

Para adiantar e se proseguir com vigor na gravura de punções, regressaram da casa litteraria do Arco do Cego os artistas Manuel Luiz Rodrigues Vianna, Victorianno da Silva, Nicolau José Correia e Francisco Thomás de Almeida, estabelecendo-se a cada um d'aquelles o vencimento de 300.000 réis annuaes, e a este 600 réis nos dias uteis. E força reconhecer, todavia, em vista dos documentos que existem no archivo, que o grande sacrificio que importava o pagamento de tantos salarios avultados, não tinha compensação equivalente. Também não consta que nos methodos de trabalho de fundição se fizesse alguma alteração ou melhoramento notavel.

Já dissemos o sufficiente em respeito á escola de gravura e ás desintelligencias entre a junta administrativa e os directores da mesma escola; acrescentaremos apenas que os resultados do decreto de 21 de dezembro de 1805 foram taes quaes deviam esperar-se; isto é, continuar a impressão regia a despender grandes sommas quasi que em pura perda<sup>2</sup>!

A fabrica das cartas annexa á impressão regia, e d'onde lhe provinham os mais pingues rendimentos, foi em verdade objecto que mereceu muito cuidado á junta, e em que os seus esforços saíram coroados do melhor exito.

Todos os extravios, desleixos e abusos que se haviam infelizmente introduzido foram severamente reprimidos e atalhados, solicitando-se, para esse fim, as providencias conteudas no aviso de 27 de outubro de 1804<sup>3</sup>.

Para dirigir o fabrico, e introduzir n'elle todos os melhoramentos que se julgavam absolutamente necessarios, foi chamado um artista suizo de origem, João Luiz Weber, a quem, por aviso regio de 18 de julho de 1803, se mandaram abonar de gratificação annual 200.000 réis<sup>4</sup>.

Nem do supposto prestimo de João Luiz Weber, nem do de Angelo Bissum, que foi conrastre, e se jactava de inventor e introductor de varios e interessantes processos, se tiraram, comtudo, alguns resultados, sendo á experiencia e esforços do antigo official, e depois mestre, João Sacomano, empregado na fabrica desde 1774, energeticamente auxiliados e dirigidos pela junta, que se deveram os incontestaveis melhoramentos realísados na manufactura das cartas<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> Livro 1 de registo de decretos, avisos e ordens, a fol. 67.

<sup>2</sup> Como documento importante para a historia da arte de gravura entre nós afiguram-se-nos muy digno de menção o aviso de 26 de maio de 1803, pelo qual, sob informação do pintor da camara Domingos Antonio de Sequeira, foi mandada pagar a quantia de 4.800.000 réis pela gravura da *Sagrada forma*, copia de um quadro de Claudio Goelho, existente no Escurial. A gravura original da *Sagrada forma* foi, por portaria do ministerio do reino, mandada entregar á academia real de bellas artes de Lisboa, aonde deve existir.

<sup>3</sup> Livro 1 do registo de decretos, avisos e ordens regias, fol. 92 v.

<sup>4</sup> Livro de registo de decretos, avisos e ordens, a fol. 86 v.

<sup>5</sup> Estes melhoramentos são attestados pelo proprio Jacome Raton nas suas *Recordações*, em que allude bem severamente á junta economica, como se vê do seguinte extracto: «Foi o seu lugar (de Miguel Manescal da Costa) substituido por huma junta de administração composta de hum Director



Para attenuar, comtudo, a carestia das materias primeiras, mórmente do papel, que de 17500 réis se elevára a 67400 réis a resma, não bastavam de certo as economias, por muito consideráveis que fossem, obtidas pela melhoria dos processos e mais rigor na fiscalisação, e por isso a junta viu-se compellida a solicitar, em 26 de março de 1805, entre outras providencias, que lhe fosse permitido elevar os preços da venda das cartas de jogar, no reino, a 150 réis cada baralho, e nos dominios ultramarinos, a 200 réis, tambem por baralho, incluidas em um e outro caso as commissões aos administradores e estaqueiros<sup>1</sup>. Em 15 de maio de 1810 representou novamente a junta, apertada pela necessidade de haver meios com que fizesse face aos pesados encargos da administração, pedindo auctorisação para novo augmento, e requerendo instantemente que para evitar os effeitos da crise imminente, proveniente da falta e extrema carestia do papel, se lhe entregassem 2:000 resmas do papel sellado, antigo, que existiam, sem emprego immediato, no erario regio<sup>2</sup>.

Em presença de quanto deixámos escripto, e attendendo imparcialmente ás circumstancias extraordinarias e calamitosas em que se encontrou o nosso paiz nos annos de 1802 a 1810, não se deve em boa razão estranhar que fosse então pouco sensível o adiantamento da impressão regia, e certamente maravilha que os seus rendimentos, padecendo grande diminuição no que respeitava á typographia, apresentassem tão avultado incremento no da fabrica das cartas, como se pôde observar do seguinte quadro comparativo da receita no anno de 1803 (segundo da gerencia da junta administrativa) com o da que se realisou em 1810 (ultimo da existencia da mesma junta):

Recetta da impressão regia nos annos de 1803 e 1810

Officinas	1803	1810
Typographia .....	20:4767385	15:8047704
Fundição dos typos .....	2747915	1207100
Fabrica das cartas .....	16:3567759	28:6077785
	37:1087059	44:5327679

O mui notavel augmento na receita proveniente da venda de cartas de jogar, é força confessional, deveu-se innegavelmente, n'uma boa parte pelo menos, aos diligentes cuidados do vogal thesoureiro

Geral, e Conservador, dez Deputados, ou Administradores, além dos officias da contadoria. Ora por pequenos que fossem os ordenados dos empregados n'esta Junta, devião precisamente absorver grande somma; e tanto foi assim, e tão boa a administração que, em pouco tempo correu, que já não chegava o rendimento para as despesas; sem comtudo haver melhoramento conhecido na typographia, excepto a respeito das cartas de jogar, cuja fabrica se achava incorporada na mesma officina; e já nos ultimos tempos de minha residencia em Lisboa, se alcançavão por empenho algumas muito boas.—*Recordações de Jacome Ratton* (Londres, 1813), a pag. 167.

<sup>1</sup> Registo de consultas da junta administrativa, economica e litteraria, fol. 12.

<sup>2</sup> Registo de consultas da junta administrativa, economica e litteraria, fol. 61. Os preços propostos foram os seguintes: cartas portuguezas, 130 réis; castelhanas, francezas e de duas cabeças, 160 réis; superfinas, 160 réis, tudo por baralho.

Joaquim Antonio Xavier Annes da Costa, que nos ultimos annos, ou antes quasi desde a sua entrada na junta, compartia com Custodio José de Oliveira todo o poder e influencia, e em quem, ainda aos menos prevenidos, não era difficil reconhecer o futuro chefe do estabelecimento.

Tambem a despeito de tantos transtornos o pessoal da impressão regia e repartições annexas, que em 1801 se compunha de 82 individuos, se elevava em 1810 a 98; mas este facto não representava verdadeiro progresso, e antes era concludente testemunho de pouco discreta gerencia, porquanto o numero de empregados da contadoria, fieis, directores, encarregados, etc., se demonstrava em grandissima desproporção (1:5,7) com o dos operarios propriamente ditos.

A desharmonia que, mais ou menos, sempre reinára no seio da junta economica, aggravou-se, nos principios de 1810, ao ponto de degenerar em declarada hostilidade entre os seus diversos vogaes; a desordem da administração, sua consequencia immediata e natural, reflectindo-se de modo funesto no regimen e economia das differentes officinas, trouxe estas, mórmente as de composição e impressão, privadas quasi da vigilancia que lhe não podia consagrar effizacmente o professor Oliveira, já tão carregado de annos e de achaques, a um abandono e confusão lastimaveis.

A tão anormal, e em todo o ponto inconveniente estado de cousas, poz o termo desejado o decreto de 21 de maio de 1810, communicado em aviso de 7 de agosto do mesmo anno, pelo qual foi extincta a junta economica e litteraria da impressão regia, e reorganizada a administração d'este vasto estabelecimento sob diversas condições.

F. PEDREIRA E SOUSA.

<sup>1</sup> Annes da Costa tomára a si, com auctorisação da junta de que fazia parte, a gerencia e inspecção immediata da fabrica das cartas de jogar, pelo que lhe arbitrou a gratificação mensal de 257.000 réis. A continuação do abono d'este vencimento foi deliberada em resolução de 19 de outubro de 1808, lançada a fol. 17 do livro respectivo, e subscripta por Domingos Monteiro do Albuquerque Amaral, João Guilherme Christiano Muller, Joaquim José Escocopezy, Custodio José de Oliveira e Fr. José Mariano da Conceição Velloso.

## PUNGO ANDONGO

A proposito de um primoroso artigo do director litterario d'esta revista sobre as cousas da Africa, demos, a pag. 99 do presente volume, uma bella gravura das Pedras de Pungo Andongo, uma das maravilhas naturaes da vasta provincia de Angola (Africa occidental portugueza). Offerecemos hoje, com a resumida noticia do conchello d'aquelle nome, uma outra não menos perfeita estampa d'aquellas singulares penedias.

Pungo Andongo, conchello do districto de Loanda, provincia de Angola, comarca de Ambaca, é limitado ao N. pelo rio Lucalla, que o separa do conchello de Ambaca, a E. pelo de Malange, ao S. pelo rio Quanza, e a O. pelo riquissimo conchello de Cazengo.

Abunda em caça; os seus rios, e principalmente o Quanza, são fartos em peixe. Possue bellas arvoredos e optimas madeiras, que só esperam quem as possa ou saiba convenientemente aproveitar.

Conta cerca de quarenta aldeias, ou banzas, de outros tantos sobas, mais ou menos obedientes, sendo a população total orçada em 12 a 15:000 habitantes. A séde do conchello é a villa de Nossa Senhora do Rosario, que está situada em 9°, 15' latitude S. e 29° 53' longitude L. de Lisboa. Era ali a antiga



côrte dos reis do Dongo, tomada com o reino ao ultimo rei D. João Hary, em 1671, por Luiz Lopes de Sequeira. Fica a 8 kilometros N. da margem direita do rio Quanza, a 270 kilometros de Loanda, e a 80 da nova e florescente villa do Dondo, que, dentro em pouco, vae ser servida pela linha ferrea de Loanda a Ambaca.

A fortaleza, n'uma eminencia reputada quasi inexpugnável, é construida sobre o viçoso planalto de um rochedo, ladeado de muitos outros, cujas fórmas phantasticas lh'es dão o aspecto de enorme castello medieval. O unico accesso para a villa é por uma caverna aberta na rocha, onde se penetra com assaz de difficuldade, seguindo, ao sair d'ella, por um caminho frágoso e enredado n'um labirinto de pedras, não sendo facil tambem, sem guia, chegar ao pé da grande e magestosa escarpa, que serve de base ao plaino onde se edificou a fortaleza. Em volta d'ella estende-se a povoação, na sua maioria, com pouco mais casas de mais do que modesta apparencia, com pouco mais de mil almas, constituindo uma freguezia sob a invocação de Nossa Senhora do Rosario, como acima dissemos. Está em adiantada construcção um bom edificio para a camara municipal. Tem escola de ensino elementar, infelizmente pouco frequentada.

O dr. Livingstone diz:

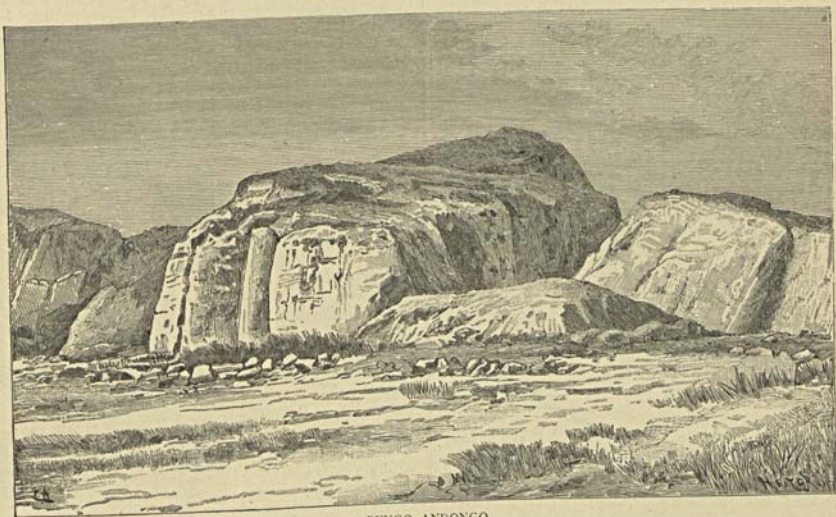
«Os pilares gigantescos de Pungo Andongo devem ter sido formados por uma corrente maritima vindo do SSE.; é facil ver, observando-se de um ponto elevado, que seguem esta direcção, e sua origem remonta á idade em que as relações do oceano e da terra differem completamente do que são hoje, muito antes da epocha em que o globo terrestre se tornou habitavel para o homem.»

Não é aceita pelos nossos exploradores Capello e Ivens a idéa de uma corrente oceanica, vinda do sul, e formando estes pilares. O extraordinario phenomeno explicam-no assim:

«A primeira idéa suscitada a quem faz a ascensão de qualquer dos penedos (porquanto quasi todos são accessiveis), e que, reconhecendo a sua disposição, tenta explicar, pela existencia em todo o conglomeração de calhaus perfeitamente roliços, a acção indubitavel da agua, é que outr'ora o leito do rio Quanza deslizada pelas pedras, e um effeito vulcanico, elevando-as, desviou o curso do mesmo rio umas poucas de milhas para o sul.»

Não se afigura mui conforme aos factos até agora observados a explicação dada no trecho que deixámos transcripto.

Em todo o caso, é questão esta, que só poderá ser com-



PUNGO ANDONGO

Tinha fama de muito doentio este sitio. O antigo presidio das Pedras Negras, denominação por que era mais conhecido, destinava-se para degredo dos condemnados, que, sob qualquer aspecto, se consideravam mais perigosos. Por isso muitos ali buscavam toda a sorte de empenhos para não cumprirem ali a sentença, preferindo até assentar praça no regimento de 1.<sup>a</sup> linha de Loanda, onde ficavam sujeitos aos rigores draconianos dos artigos de guerra.

Ainda hoje se mostram em Pungo Andongo as ruínas da casa onde viveu o desembargador José de Seabra da Silva, amigo e collaborador do famoso marquez de Pombal, que o fez condemnar pelo crime de incondencia (?), não sendo necessarios, por sem duvida, muitos esforços de imaginação para adivinhar o motivo por que o severo ministro de el-rei D. José I insinuou Pungo Andongo para logar de degredo do seu antigo collega.

A verdade, porém, demonstrada por larga experiencia, é que Pungo Andongo, abundando em preciosas aguas, deve classificar-se entre os pontos mais saudáveis da provincia.

Emquanto á origem da formação dos enormes rochedos amuralhados, que constituem Pungo Andongo, divergem as opiniões.

pleta e satisfactoriamente resolvida, quando se fizer a exploração geologica, d'aquella como de outras regiões da nossa Africa.

F. PEREIRA e SOUSA.

### O PASSARO CEGO

(De Ramon de Campoamor)

#### I

Porque dizem que um passaro cegando  
melhor e mais caritou,  
Cacilda a um rouxinol, como brincando,  
os olhos arrancou.

#### II

E, depois, cantou mais, com mais calor,  
o rouxinol? Oh, sim!  
Sente muito mais quem mais cego for.  
Sei isto bem por mim!

JOSÉ PEREIRA.



## O JORNALISMO PORTUGUEZ

Seu movimento em 1890

É assombroso o numero de jornaes que no continente de Portugal, ilhas adjacentes e colonias se têm publicado estes ultimos dez annos.

E quantas d'essas folhas são como os fogos fatuos que nascem e fenecem quasi que no mesmo instante! Publicações ephemerhas que alegam, instruem, distraem hoje para amanhã se perderem no pó do esquecimento, caíndo no sorvedouro, á medida que outras mal despontam á luz da publicidade, sabe Deus á custa de quantas fadigas e sacrificios, para em breve lhe irem seguir o caminho!

E, no emtanto, ellas, essas folhas que aos centos, aos milhares, saem dos prélos e se dispersam por todo o paiz correndo de mão em mão, essas folhas que se escrevem, compõem, imprimem e se distribuem com a febril actividade das leis do progresso e da civilisação vão renascendo, reproduzindo-se, multiplicando-se com incrível rapidez, o que prova o periodo do extraordinario desenvolvimento á que a actividade intellectual tem attingido no nosso paiz n'estes ultimos annos.

Vejâmos qual tem sido esse desenvolvimento desde 1881 até hoje. Em um decennio têm-se fundado em Portugal para cima de 2:000 periodicos, como se mostra da relação seguinte:

1881	} encetaram a publicação	}	144
1882			185
1883			204
1884			190
1885			241
1886			247
1887			206
1888			237
1889			232
1890			149
Somma nos dez annos.....		2:035	

É notavel o decrescimento quasi por metade que se nota n'este ultimo anno. Sem duvida é elle devido á recente lei da imprensa que, de subito, dictatorialmente, veiu, por assim dizer, cortar os vãos á livre manifestação do pensamento, pondo-lhe peias e creando-lhe difficuldades e estorvos com manifesta violação do artigo 145.º da lei fundamental da monarchia portugueza.

Salvaram-se os escrupulos dos meticulosos, que em tudo vêem offensas, deixaram de ser feridas vaidosas susceptibilidades, mas de envolta soffreu com isso a liberdade, n'um paiz constitucional, deixou de se diffundir a instrucção publica na sua maior amplitude, e tolheu-se o desenvolvimento intellectual. Arrancar a penna da mão a quem escreve é condemnar a nação ao retrocesso e ao obscurantismo.

Vejâmos agora a estatística da publicação dos jornaes no anno findo em ordem a mezes. Em janeiro 22 jornaes; em fevereiro 21; em março 21; em abril 15; em maio 16; em junho 5; em julho 12; em agosto 4; em setembro 9; em outubro 9; em novembro 8; e em dezembro 7.

A nomenclatura d'essas folhas é longa e fastidiosa; no emtanto, para completarmos esta noticia, e conscios que ella não desagradará aos curiosos, passâmos a transcrever os titulos e as localidades. Devemos, todavia, advertir que não a damos como absolutamente exacta; é muito provavel que n'ella faldem alguns jornaes que se hajam publicado, apesar das nossas investigações terem sido bastante rigorosas:

A Beira mar, *Aveiro*.—Academia, *Lisboa*—Academia portugueza, *Villa Real*—O Alemtejan, *Moura*—Annunciador do Alemtejo, *Evora*—Annunciador commercial, *Lisboa*—Annunciador horticultura, *Porto*—A Arte musical, *Lisboa*—Apostolado de Jesus, Maria José, *Lisboa*—Atheneu, *Cintra*—Aurora academica, *Guarda*.

Boletim do Gremio portuguez de amadores photographicos, *Lisboa*—A Bairrada, *Anadia*—A Barricada, *Lisboa*—Bibliographia, *Vianna do Castello*.

O Cabeceirense, *Fafe*—O Calypsonense, *Villa Viçosa*—Campeão do Lethes, *Vianna do Castello*—A caricatura, *Lisboa*—O Celoricence, *Celorico de Basto*—A Chronica, *Porto*—O Clamor da Patria, *Lisboa*—O Canhoto, *Porto*—O Commercio, *Angra*—Commercio de Barcellos, *Barcellos*—Commercio de Braga, *Braga*—O Contribuinte, *Porto*—A Corja, *Lisboa*—O Correio, *Macau*—O Correio da Barca, *Ponte da Barca*—Correio de Braga, *Braga*—Correio de Loanda, *Loanda*—Correio de Meda, *Guarda*—Correio de Tondella, *Tondella*—Crença Popular, *Montemór o Velho*.

O Damonense, *Damão*—Districto de Angra, *Angra*—O domingo, *S. Martinho do Porto*—A Dossimetria, *Porto*.

O Echo, *Lisboa*—Echo Açoriano, *California (Estados Unidos)*—Echos da Avenida, *Lisboa*—A Elite, *Porto*—Elmano, *Setubal*—O Espectro, *Paris*—O estás-te a rir, *Lisboa*—O estudante, *Angra*.

O Facho, *Lisboa*—O Ferrão, *Porto*—O Figaro, *Lisboa*—Folha do Norte, *Lamego*—Folha Verde, *Coimbra*—O Frontão, *Lisboa*.

Gazeta de Cintra, *Cintra*—Gazeta Fiscal, *Lisboa*—Gazeta de Noticias, *Porto*—Gazeta de Portalegre, *Portalegre*—Gazeta das salas, *Lisboa*—Gazeta dos Sonegados, *Porto*—Gomontoc, *Goa*—O Graphic, *Lisboa*.

Horas vagas, *Bombaim*—Hygiene popular, *Lisboa*.

Idéa Nova, *Viçeu*—A Independencia Portugueza, *Porto*—O Interesse publico, *Lisboa*.

Jornal da academia de Coimbra, *Coimbra*—Jornal do Operario, *Porto*—Jornal para todos, *Coimbra*—Jornal do Povo, *Porto*—A Justiça, *Lisboa*.

A Lanterna, *Lisboa*—Liberdade, *Macau*—O Lima, *Ponte de Lima*—Liz e Leiria, *Leiria*—A Lisbia, *Lisboa*—A Lua Nova, *Lisboa*—A Luz, *Thomar*—Lusitania, *Porto*.

A Malagueta, *Lisboa*—O Mandovy, *Nova Goa*—O Meio Dia, *Lisboa*—Mensageiro, *Lisboa*—O Movimento, *Lisboa*—Moçidade, *Lisboa*.

O Nacional, *Braga*—Niaya-Chacan, *Goa*—A Noite, *Lisboa*—Noticiarista, *Fafe*—O 92, *Lisboa*—Nacional, *Lisboa*.

O Observador, *Pico (Acores)*—O 8 de Maio, *Figueira da Foz*—Onze de Janeiro, *Porto*—11 de



Fevereiro, *Porto*—A Opinião, *Funchal*—A Opposição, *Angra*—A Opinião, *Lisboa*.

Pa, Pa, Santa Justa, *Lisboa*—A Patria, *Vianna do Castello*—Patria, *Lisboa*—Patriota, *Funchal*—Patriota, *Lisboa*—Patriota, *Tavira*—Patriotismo, *Braga*—Os Parvoeiros, *Porto*—O Picoense, *Pico (Açores)*—O Passatempo, *Lisboa*—Pequena em tudo, *Elvas*—O Policia africano, *Loanda*—O Popular, *Angra*—O Popular, *Pico (Açores)*—Portugal—Africa, *Loanda*—O Portuguez, *Lisboa*—O Povo de Cintra, *Lisboa*—O Povo de Gaia, *Gaia*—O Preciso, *Porto*—O Primeiro de Maio, *Coimbra*—O Progressista, *Vianna do Castello*.

A Quinzena, *Lagôa (Açores)*.

O Rocio, *Lisboa*—O Recreio marcial, *Lisboa*—O Rebate, *Porto*—A Religião da Mulher, *Porto*—A Republica, *Porto*—Republica latina, *Lisboa*—Republica portugueza, *Porto*—Republica social, *Lisboa*—Revista illustrada, *Lisboa*—A Revolta, *Porto*—A Revolução, *Lisboa*—A Risota, *Lisboa*—Revolução, *Lamego*—A Rolha, *Lisboa*.

A Sapataria portugueza, *Lisboa*—Semana Alcobacense, *Alcobaça*—A Semana de Lisboa, *Lisboa*—Serpa Pinto, *Torres Novas*—A Situação, *Lourenço Marques*.

O Toureiro, *Porto*—Toureiro, *Porto*—O Toureiro portuguez—Troça ao Pina, *Porto*.

Um feixe de plumas, *Porto*—O Ultimatum, *Coimbra*.

Vanguarda, *ilha das Flores*—Vedeta, *Lamego*—As Vespas, *Porto*—A Vindicta *Lamego*.

SILVA PEREIRA.

## HISTORIA DE UM MARÇANO

### III

(Continuado)

Esteve dois mezes na terra o Thomé.

Quando voltou para casa do sr. Libanio vinha desenvolvido e forte, e trazia o sangue rubro e quente de um organismo immune.

Nos primeiros dias custou-lhe a fazer-se de novo ao trabalho do balcão, mas depois adaptou-se e continuou na vida habitual que d'antes levava.

Ia-se-lhe abrindo notavelmente a intelligencia e manifestava aptidões sensíveis para o negocio.

O sr. Libanio fôra pouco a pouco sympathisando com elle, e como lhe reconheceu o que elle chamava «*quêda para a vida*», instigou-o a que se matriculasse n'um curso nocturno que havia perto.

O Thomé, com a frescura de impressões das racas novas, abraçou alvoroçado o conselho do patrão e fez progressos no estudo; a principio applicou-se até de mais, porque fôra das lições que preparava andava alheado e vago, commettia imprevidencias e baralhava cousas, a ponto de lhe dizerem os companheiros—se andava na lua.

Mas isso foi como que uma febre passageira do sangue, e depois serenou, entrando em si e no desempenho normal dos seus deveres.

Frequentava então instrução primaria e desenho, e para este denotára uma propensão evidente, sendo dentro de pouco o mais qualificado da classe.

O sr. Libanio soube do caso, e quiz que o Thomé fizesse exames—e continuasse; fel-os, saiu approvado—e continuou.

Eil-o, pois, a entrar pelo francez e a abordar a geographia, que eram as disciplinas que se leccionavam no tal curso.

No francez, porém, o Thomé não fazia grande figura—sobretudo em pronuncia, mas lá ia emmaranhando-se nos meandros da syntaxe, e traduzindo melhor ou peor os trechos da selecta, e para um filho de dolicocephalo minhoto não ia de todo mal.

A geographia tambem a principio lhe fez uma tal ou qual confusão, consequencia dos nomes das terras e da copia d'ellas; mas o desenho, a que instinctivamente recorria, simplificava-lhe as difficuldades e tambem n'isso podia passar.

E assim lhe foram correndo os annos.

Aos domingos continuava sempre a ir a casa de D. Felicidade saber da senhora, do sr. Guimarães e das meninas, depois á noite uma ou outra vez ia ao theatro ou ao circo quando era tempo, e de quando em quando ficava em casa a ler.

O theatro era, porém, o seu fraco. Sempre que no Principe Real, na Rua dos Condes ou nas Variedades iam peças «da sua feição» o Thomé lá estava.

A sua feição eram os grandes dramas de situações, onde houvesse lances tragicos e commovedores —as peças maritimas e um pouco tambem as magicas—mas sobretudo os dois primeiros: *Os piratas ou o filho da Savana*, *Os cosacos* ou o que quer que era que se passava na Russia, o *Corsario* e parecidos.

Quando voltava para casa vinha ainda fremente de entusiasmo e de interesse, e os nervos vibravam-lhe todos. Retinha grandes tiradas, que repetia para si, deliciado e convicto, e na inconsciencia da sua admiração o seu desejo era que todas as pessoas que com elle assistiam ao espectaculo dessem palmas como elle, calorosas e constantes.

Pelos actores e pelas actrizes tinha então um como que respeito fetichista, e sentia uma especie de fascinação que o cegava.

Muito em segredo tinha vontade de lhes dar abraços e beijos, de andar sempre a ouvir o que diziam, de respirar o mesmo ar que respiravam...

E por tal fôrma esta obsessão acabou por dominar-o, que pediu licença ao patrão para entrar para uma sociedade dramatica de caixeiros que havia na travessa proxima.

O sr. Libanio annuiu depois de inquirir se lhe tinha dado a tineta para ser comico, e de lhe affirmar no seu tom dogmatico—que era vida de vadio.

O Thomé ficou a modo emparvecido com a observação, tão alto collocava os comicos; mas não se atreveu a suscitar as suas duvidas, e apenas retorquiu—que era para ver como se punha uma peça no theatro.

Não fôra absolutamente exacto n'isto, o marçano; o seu intimo desejo seria tentar dizer qualquer cousa —a ver se tinha jeito; mas mercia desculpa a mentira; que quasi nem o chegava a ser, porque o que o Thomé não tinha era coragem para revelar o seu pensamento—que a si proprio não dizia alto.

Entrou, portanto, para a sociedade, proposto até por um companheiro da loja; mas, tres mezes decorridos, reconhecia com tristeza—que não tinha vocação.



Havia conseguido que lhe dessem papel n'um drama em dois actos que a sociedade ia fazer representar pelo Natal, mas tão desastrosamente estava em scena e tão mal dizia as tiradas, que aliás sabia na perfeição, que elle mesmo se convenceu—que não tinha geitô.

Soffreu alguma cousa no seu orgulho, porque lhe parecia que quando as dizia para si—as fallas lhe saiam magnificas; mas a verdade é que no palco—sentia-o bem— não parecia o mesmo, perdia a voz, não dava as inflexões devidas, baralhava os dialogos, e sobretudo —por menor curioso— perdia a força nas pernas, e não tinha coragem para olhar a sala.

Abandonou, portanto, a sociedade—mas não abandonou o theatro, que continuou sendo o seu recreio favorito.

Por esse tempo começou tambem a ir em alguns domingos para as varandas de S. Carlos. Fôra o caixeiro de uma loja fronteira que tinha a mania do canto, quem pela primeira vez o desafiára a acompanhá-lo: eram dois tostões, dissera, e por tão pouco dinheiro ouvia-se tanta musica—cinco actos, explicára.

E o que vinha a ser isso que lá se representava, o que é que diziam os cantores uns aos outros, interrogava o Thomé? Isso vinha a ser *A Africana*, esclarecia o companheiro, e pelos modos o que os cantores diziam eram scenas da historia da India—ou cousa parecida—mas fallavam italiano e elle não os entendia. A principio imaginára que o que cantavam era as notas *dó ré fá*, etc., porque de uma occasião vira uma *partitura* (que era assim que chamavam áquellas musicas) e não descobrira lá cousa nenhuma escripta, e só averiguára que aquillo tudo *eram notas*, mas depois pozera-se á escuta, e apesar de ter ouvido muitas vezes dizer *ré*, afigurou-se-lhe que tambem diziam outras cousas, e inquirindo, veio saber que era italiano, e que elles conversavam tal qual a gente—com a differença de ser por musica.

O Thomé ficou inteirado—e foi. Em consciencia, a principio não entendeu lá muito bem, porque achava muito barulho, mas depois a belleza das divinas paginas de Meyerbeer começou a penetrar-lhe os ouvidos, e no domingo immediato voltou lá. Por fim entremeiava os outros theatros, com S. Carlos e assim foi abrindo o espirito aos encantos da harmonia e do contraponto.

As vezes não ouvia os ultimos actos para não entrar *fôra d'horas*, mas como o sr. Libanio se convenceu que não havia perigo em deixá-lo recolher mais tarde, o Thomé acabou por gosar os espectaculos completos.

E assim lhe iam decorrendo os annos. A febre de *ser patrão* diminuiu sensivelmente, solicitado como agora trazia o espirito para mais variados e numerosos assumptos; mas não o deixou por completo, e ainda de longe em longe vinha cantar-lhe ao ouvido a estranha canção tentadora da promettida felicidade.

Fascinado por ella, o Thomé, á aproximação das grandes loterias, habitava-se sempre, e punha no seu numero todas as esperanças e todas as illusões; mas todos os numeros saíam, só o d'elle lá ficava eternamente na medonha e infundavel alluvião dos

brancos, e o que elle via é que lhe desapareciam os seus ricos tostões, que antes houvesse empregado n'um bilhete de theatro ou n'um livro.

Na primeira oportunidade, porém, tornava a jogar e a lamentar-se, porque de novo o seu numero, em que tinha tanta fé, saíra branco.

Nô entretanto fôra-lhe augmentado o ordenado por haver sido promovido a outro logar mais alto, e começava já a formar o seu peculio.

Tinha então vinte annos. Do rapazito meio imbecil e toco que a provincia exportara saíra um rapaz diligente e vivo, cuidadoso da sua figura, e com um certo ar de quem havia creado habitos de conforto e de arranjo, ao mesmo tempo que a sua côr, uma bella côr sadia, lhe denunciava a robustez da procedencia.

(Continúa.)

### ASSUMPTOS VARIOS

A esmola é sempre boa; mas quando, em vez de ser procurada, vae ella mesmo procurar o pobre; quando o poupa ao trabalho e á vergonha de a solicitar, e se lhe apresenta, não altiva e arrogante, mas compassiva, modesta e consoladora, tem duplicado valor; é como uma segunda Providencia. (*Os dois artistas—Bastos.*)

O talento é uma força. A applicação da força é um dever. Em que sentido? No de construir, no de avançar, no de esclarecer, no de fecundar, no de tornar este mundo melhor.—(*A Arte—E. A. VIDAL.*)

Como o oiro se apura ao fogo, é na provação hostile que a bondade humana se afervora e aquilata. Toma então outro nome. Chama-se resignação; e, ou seja uma graça influida por Deus, ou seja a estoica energia invencível das organizações em que a natureza põe o sello maior do seu immenso poder—é a proeminentissima qualidade do homem, o *quid divinum* da sua grande raça.

E n'esta hora, alta e triste, da nossa civilização, que irradia tanto esplendor por uma das suas faces, e pela outra se esfuma cada vez mais, minada profundamente pela cobardia da vontade; n'esta quadra, mixta de tanta grandeza e de tanta miseria, em que, ao passo que se multiplicam as faculdades e os recursos na apparencia externa da vida, o *homem interior* perde de momento para momento a força necessaria para a lucta e a consciencia do que deve á sua cathogoria no mundo: um exemplo bem claro, bem patente, bem altamente posto, de longanimitade para a dôr e para a desgraça, é o mais raro e bello serviço prestado á edificação dos costumes e ao saneamento moral da nossa especie! (*Elogio historico de sua magestade el-rei o senhor D. Luiz I, por Antonio Candido Ribeiro da Costa, socio effectivo da academia real das sciencias de Lisboa.*)

J. A. DIAS.

O que beneficia um ingrato pratica duas virtudes: faz o bem, e esquece o mal.

MORAES CARVALHO, Aphorismos.